

**O ENSINO DE GRAMÁTICA
NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL
NA FALA DE PROFESSORES**

Antonio Cilírio da Silva Neto (UFT)

acilirio@bol.com.br

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (USP/UFT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

O objetivo deste estudo é refletir sobre a língua que é explicitada e conduzida pelo viés da educação, por meio de uma gramática (explícita ou implícita). Analisaremos o uso e a sistematização das classes de palavras - substantivo e adjetivo e seu ensino na fala de professores do ensino fundamental a fim de verificar como se dar a exposição desses conteúdos gramaticais, investigaremos como tais conteúdos são expostos e como se fundam nos estudos da linguagem mais atuais. Temos como referencial teórico-metodológico a teoria da complexidade de Edgar Morin (2008). Utilizamos o estudo de caso, porque é uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos complexos (ARAÚJO 2008). A triangulação faz parte do nosso trabalho, porque verificamos que em um paradigma complexo esta abordagem indica a combinação de diferentes métodos, grupos de estudo, ambientes locais e temporais e perspectivas teóricas distintas no tratamento de um fenômeno (FLICK, 2007).

Palavras-chave: Substantivos. Adjetivos. Estudos linguísticos. Ensino de português.

1. Introdução

Quando expomos nossas reflexões sobre o uso e a sistematização das classes de palavras – substantivo e adjetivo e correlacioná-los com os estudos linguísticos é uma tarefa árdua e complexa. Assim, analisaremos neste estudo, o uso e a sistematização dessas classes de palavras e seu ensino na fala de professores do ensino fundamental I, a fim de verificar como se dar a exposição desses conteúdos gramaticais.

Na construção das reflexões tanto teóricas quanto metodológicas e na compreensão da análise de dados averiguamos na fala dos professores o que representa ensinar gramática na escola de ensino fundamental. As informações oriundas dessas fontes foram usadas como uma forma de compreender melhor alguns aspectos do "estudo da língua" na fala dos docentes tomados como objeto de análise.

Os participantes da nossa pesquisa foram os professores do 1º ao

5º ano do ensino fundamental I. da rede municipal de Imperatriz – MA, o que constitui o universo desta pesquisa e para os quais foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas. A partir da seleção de duas escolas a serem pesquisadas, foram entrevistados professores do 1º ao 5º ano do ensino fundamental, independentemente do nível de formação, abrangendo a todos os professores que aceitaram participar pertencentes às escolas municipais.

As perguntas iniciais referem-se a identificação do professor e as outras voltadas para o tema desta pesquisa: o ensino e a aprendizagem de gramática no ensino fundamental I e mais especificamente o uso e a sistematização das classes de palavras substantivo e adjetivo, a fim de se traçar perfis característicos do posicionamento do educador, para que sirvam de análise ao tema proposto. As questões tratam da necessidade ou não de se ensinar uma teoria gramatical e quando se deve ensinar, para isso lançamos mão aos professores e ao investigador as seguintes perguntas de pesquisa:

1. Você acha necessário ensinar teoria gramatical, no ensino fundamental I?
2. Quando se deve ensinar teoria gramatical?
3. Como identificar um substantivo e um adjetivo?
4. E que critérios seriam usados para identificá-los?

Tomando o ensino sobre gramática, na educação em língua materna nos primeiros anos do ensino fundamental, nos fiamos na teoria da complexidade de Edgar Morin (2008) e no método do estudo de caso, esses nos serviram de apoio nesta pesquisa, logo, nosso ponto de partida metodológico não foi fechado nem restrito, já que a realidade, tanto teórica quanto prática, a ser pesquisada é evidentemente complexa.

Primeiramente, na gênese da teoria da complexidade, a atividade do pensamento, segundo Morin, requer: distinção, objetivação, análise e seleção. *Distinção*, não no sentido de disjunção, quando se isola e se separa fenômenos e processos, mas quando se tem objetos e meios que, mesmo sendo distinguido e oposto, não se separam, se complementam como "a ordem e a desordem, [...] a unidade e o conflito, a harmonia e a discórdia, a autonomia e a dependência, o objeto e o sujeito" (PADE-RES, RODRIGUES, GIUSTI, 2014, p. 03). *Objetivação*, para que o sujeito caracterize o objeto através de traços invariantes ou estáveis, porque o sujeito conhecedor é ele próprio objeto, para que assim e a partir de en-

tão, o todo se construa na apreensão das partes e das partes no todo. *Análise*, o todo, é um fenômeno da complexidade multidimensional da realidade, que é econômica e mítica, política e não política, individual e coletiva; e *seleção* como caracteres essenciais ou pertinentes do objeto, na teoria da complexidade, é o que constitui o nosso *corpus* de trabalho, que Morin chama de *complexus* o que é tecido junto, inseparáveis constitutivos da seleção desse todo. (MORIN, 2008)

Em seguida, seguiremos a abordagem do estudo de caso por ser uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores (ARAÚJO, 2008). No estudo de caso o investigador é confrontado com situações complexas, de tal forma que procura respostas para o “como?” e para o “porquê?”, procura interações entre fatores relevantes próprios dessa identidade; o objetivo é descrever ou analisar o fenômeno de forma profunda e global, apreende a dinâmica do fenômeno, do programa ou do processo, segundo Yin (1994, *apud* ARAÚJO, 2008). Santos (2002) diz que é a seleção de um objeto de pesquisa restrito com o objetivo de aprofundar-lhe os aspectos característicos.

Segundo Santos (2002) o estudo de caso por lidar com fatos e/ou fenômenos/processos normalmente isolados, o pesquisador precisa de grande equilíbrio intelectual e capacidade de observação, além de parcimônia quanto à generalização de resultados. O estudo de caso, embora possa ser criticado pela falta de rigor, é uma metodologia válida, desde que os objetivos estabelecidos sejam respeitados, evitando-se generalizações e a “invasão” de visões distorcidas da realidade em que o caso investigado se estabelece. Assim como, compreender, a partir dos pressupostos ditos pelos professores, o que representa ensinar gramática na escola de ensino fundamental?

Para Flick numa série de tentativas de desenvolver métodos apropriados para resolver um paradigma complexo surge a abordagem da triangulação “para indicar a combinação de diferentes métodos, grupos de estudo, ambientes locais e temporais e perspectivas teóricas distintas no tratamento de um fenômeno” (2007, p. 237). Essa triangulação será necessária em nosso estudo.

Denzin citado por Flick (2007) distingue quatro tipos de triangulação, a primeira a triangulação de dados, o segundo a triangulação do investigador, a terceira a triangulação da teoria e a quarta é a triangulação

metodológica que se divide em dois subtipos, a triangulação dentro do método e entre um método e outro. Essas triangulações serão tidas em nossa pesquisa como estratégia para a validação de resultados, porque, segundo Flick, Denzin postula que a triangulação "continua sendo a estratégia mais sólida da construção da teoria". (FLICK, 2007, p. 238)

Como recurso à análise extensiva da realidade, a compreensão nesta pesquisa se fez através de uma crítica aplicada às obras e atos dos atores investigados, como também da investigação do tema orientador, no caso desta pesquisa é o uso e a sistematização das classes de palavras – substantivo e adjetivo.

Neste trabalho falaremos sobre o ensino de gramática na escola de ensino fundamental. As perguntas iniciais referem-se a identificação do professor, e as demais voltadas para o tema central desta pesquisa o ensino e a aprendizagem de gramática no ensino fundamental I e mais especificamente o uso e a sistematização das classes de palavras substantivo e adjetivo. Os resultados da pesquisa foram apresentados através de gráficos, tabelas, quadros, análises compreensivas e interpretativas dos dados.

2. Apresentação e análise dos dados

A partir de então, são apresentados e discutidos os resultados obtidos no sentido de responder aos problemas de pesquisa formulados. O gráfico 1 apresenta o nível de escolaridade dos entrevistados. Sabemos que para atuar no ensino fundamental de 1º ao 5º ano o professor deve ter formação mínima em pedagogia.

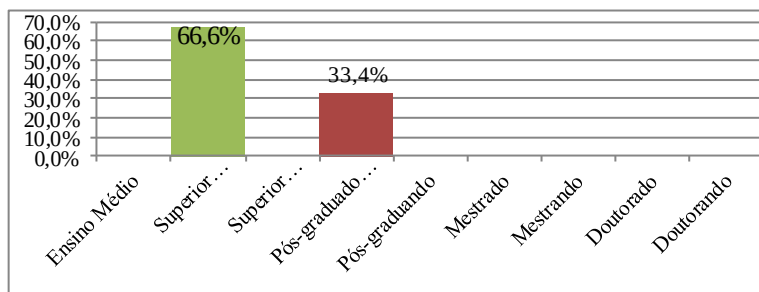


Gráfico 1: Formação profissional dos professores de 1º ao 5º ano.

Conforme demonstrado, dos 18 professores pesquisados, 66,6% possuem curso superior em alguma área, 33,3% conseguiram fazer uma

especialização, procurando assim resgatar o seu papel de professor e, ao mesmo tempo, assumindo a complexidade da prática pedagógica e do contexto de atuação, a sua formação é considerada altamente importante, não apenas no âmbito acadêmico, mas envolvendo também o desenvolvimento pessoal, profissional e organizacional da sua profissão docente.

Por está relacionado à questão 1 passemos à análise do gráfico 2 que se refere ao ano em que lecionam os professores e o seu grau de escolaridade, 11,1% dos entrevistados que ministram aulas para o 1º ano tem curso superior completo e 16,6% possuem especialização; no 2º ano 5,6% dos entrevistados tanto possuem curso superior quanto especialização; no 3º ano, 16,7%, e no 4º ano, 22,2%, todos os entrevistados responderam que possuem curso superior; no 5º ano tanto os que possuem curso superior quanto os que são especialistas correspondem a 11,1% dos entrevistados, conforme consta a seguir:

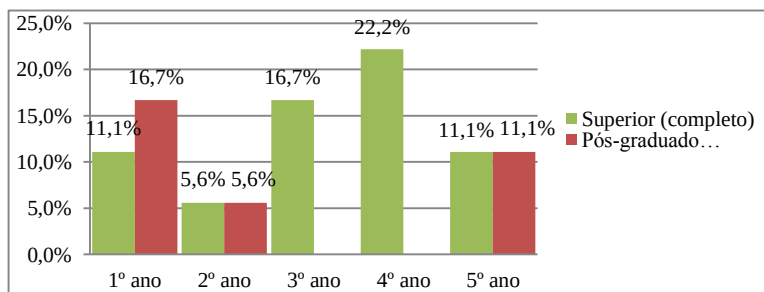


Gráfico 2: Ano em que lecionam e grau de formação dos professores

Percebemos que é bastante relevante o fato de que todos os professores, das escolas pesquisadas, tenham concluído o curso superior na área de licenciatura, o que cumpre os dispositivos da legalidade, mas não se pode dizer que cumpre as necessidades para um bom ensino e aprendizagem dos alunos.

Diante disso, passemos a perguntar-nos o que expomos no gráfico seguinte, que traz o questionamento (1) sobre o por que da necessidade de se ensinar teoria gramatical, a seguir:

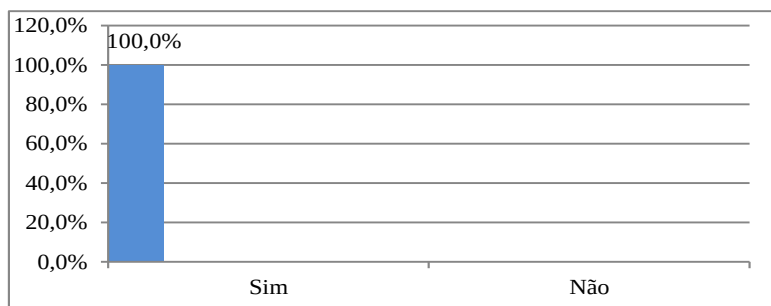


Gráfico 3: Seria necessário ensinar teoria gramatical?

Quando questionamos sobre o que e como ensinar sobre a língua no Ensino Fundamental pensamos em um aporte nos estudos linguísticos e também o quanto é pertinente refletir sobre o ensinar de teorias gramaticais. A representação deste gráfico demonstra que 100% das respostas dos entrevistados foi "sim". Diante das respostas dadas pelos professores nesta questão, vê-se que para todos é necessário esse ensino, a partir dessa pergunta surge no item 2 quando se deve ensinar teoria gramatical? como fundamento da questão 1 (gráfico 3). Dividimos as respostas de acordo com o ano em que este professor leciona para uma melhor compreensão e reflexão.

Para muitos teóricos, entre tantos Câmara Junior (2011) e Franchi (2013), as atividades linguísticas se dão nas situações cotidianas de comunicação, na família e na comunidade dos alunos, e pode se reproduzir na escola se esta se tornar um espaço de interação social, que implique principalmente o diálogo e a contradição, somente assim se cria o "saber linguístico das crianças, dessa 'gramática' que interiorizam no intercâmbio verbal com os adultos e seus colegas" (FRANCHI, 2013, p. 95). Segundo esse autor não se trata de aprender e/ou apreender uma série de normas gramaticais, mas levar os alunos a diversificar os recursos expressivos com que falam e escrevem, a operar sobre sua própria linguagem praticando os fatos gramaticais de sua língua.

O ensino da gramática na educação básica, ensino fundamental, está na produção e compreensão de cada frase que pronunciamos, devemos defendê-la "como o conjunto das regras e princípios de construção e transformação das expressões de uma língua natural que as correlacionam com o seu sentido e possibilitam a interpretação" (FRANCHI, 2013, p. 99). Baseados nesse autor nos perguntamos se essa prática deve ocorrer só no final do ensino fundamental? Ele diz que nós já sabemos a res-

posta, ou seja, somente através de uma larga familiaridade com os fatos da língua, com a necessidade de sistematizar um saber linguístico que se aprimorou e se tornou consciente.

Vejamos as respostas dos professores, transcritas pelo investigador, em relação ao ensino de teoria gramatical de acordo com o ano que lecionam no ensino fundamental I. Observemos as respostas:

2. Quando se deve ensinar uma teoria gramatical?	
1º ano	i) A partir das séries iniciais. ii) Nas séries iniciais dificilmente poderá ser trabalhado de forma significativa, de forma que nas séries maiores os alunos devem conhecer gradualmente. iii) No início de sua escolarização. iv) A partir das séries iniciais, do 1º período. v) Desde os primeiros anos de vida.
2º ano	i) Desde o 1º ano. ii) No momento em que as crianças ingressam na escola.
3º ano	i) Desde os primeiros anos de vida mesmo sem ter ido a escola. ii) A partir das séries iniciais. iii) Logo que a criança iniciar no 1º ano do Ensino Fundamental.
4º ano	i) Acredito que desde as séries iniciais, do 1º ano. ii) A partir do 1º ano do Ensino Fundamental. iii) A partir do 1º ano do Ensino Fundamental. (4º ano A e B).
5º ano	i) A partir do 1º ano do Ensino Fundamental e adequando ao nível de maturidade dos educandos. ii) Desde a Educação Infantil, pois já se compreende a estrutura e formação das palavras. iii) Logo que a criança iniciar no 1º ano do Ensino Fundamental. iv) Deve ensinar desde o 1º ano, que é a alfabetização.

Tabela 1: Respostas de quando se deve ensinar uma teoria gramatical.

De acordo com as respostas dadas observamos que os professores afirmam que seria a partir do 1º ano do ensino fundamental e somente uma professora do 1º ano respondeu que "nas séries iniciais dificilmente poderá ser trabalhado de forma significativa, de forma que nas séries maiores os alunos devem conhecer gradualmente". Conforme Ivo (2010) a gramática como arte e ciência deve ser ensinada de acordo com suas funções e a educação linguística ajuda o aluno a cumprir plenamente as funções da sua linguagem como representar o mundo, o pensamento, comunicar e ao mesmo tempo agir e fazendo pensar e agir os outros, e tudo isso com rigor, eficácia e correção e, se possível arte.

Para Mendonça, o que entra em jogo no ensino de gramática é mais do que uma questão de ordem linguística, e isso se dar porque não há ensino neutro, quando optamos por esta ou aquela metodologia, valo-

res e crenças são acionados, uma vez que a identidade de quem ensina é posta em xeque, porque o "ensinar, o que faz um bom professor de português, como deve ser a aula de português, o que deve avaliar e como etc., interligam-se em concepções teóricas, sejam elas conscientes ou não, e escolhas metodológicas" (2009, p. 220-221).

Segundo Rojo (2011) os alunos devem conhecer os conceitos gramaticais bastante sofisticados (derivação de palavras, radical, tempos, modos e pessoa o verbo, classes de palavras) durante todas as séries do ensino fundamental e devem ser aprendidas por observação, demorando a se estabilizar, assim passamos para a questão seguinte, como identificar substantivos e adjetivos.

3. Como identificar um substantivo e um adjetivo?	
1º ano	i) Lendo o texto e identificando o gênero textual para o aluno compreender substantivo ou adjetivo. ii) Ler e identificar os nomes de pessoas, lugares, ruas e identificar as qualidades que o texto está atribuindo a esses substantivos. iii) Através da oralidade, questionando nos textos ou frases trabalhadas qual sujeito (pessoa ou objeto) e a qualidade dos mesmos. iv) No primeiro ano como eles não dominam a leitura, não trabalhamos identificando no texto. v) Dependendo do texto a ser trabalhado vai grifando-os.
2º ano	i) Através das palavras expressadas em textos e frases. ii) Chamar a atenção das crianças para observar de quem estamos falando, se é de pessoas, cidade, ou de quem estamos falando.
3º ano	i) Circular ou colorir o substantivo através dos seres e suas qualidades. ii) Dependendo do texto a ser trabalhado vai grifando-os. iii) Identificar o nome de pessoas, lugares, objetos etc. Identificar a qualidade do sujeito, suas características etc.
4º ano	i) Lendo o texto e orientando os alunos para que possam identificar os substantivos e adjetivos. ii) Através da pronúncia e da escrita. iii) Conceituar tanto os adjetivos e substantivos e dar exemplos. (4º ano A e B).
5º ano	i) É através da escrita e da pronúncia das palavras. ii) Identificar o nome de pessoas, lugares, objetos etc. Identificar a qualidade do sujeito, suas características etc. iii) Primeiramente se destaca o conceito e com a ajuda do professor identifica retirando o substantivo e adjetivo das frases. iv) Conceituar o substantivo e o adjetivo.

Tabela 2: respostas de como identificar um substantivo e um adjetivo

Observamos que nas respostas acima todos concordam que seria mais interessante identificar substantivos e adjetivos em textos ou frases, nenhum professor disse que somente em "palavra" pode-se identificá-los, vejamos algumas falas: "Ler e identificar os nomes de pessoas, lugares, ruas e identificar as qualidades que o texto está atribuindo a esses subs-

tantivos". "Através da oralidade, questionando nos textos ou frases trabalhadas qual sujeito (pessoa ou objeto) e a qualidade dos mesmos". "No primeiro ano como eles não dominam a leitura, não trabalhamos identificando no texto".

Para identificarmos um substantivo e que critérios seriam usados para identificá-los nos fiamos em diversos linguistas, entre tantos temos Sautchuk (2010) que diz independente de constituir seres ou não, muitos substantivos já vêm antecidos por determinantes, como no exemplo: *Não é função popular impedir reajustes de preço na próxima temporada*, em que o, a, um, uma, este, esta, seu, sua como determinantes não se articulam com as palavras "popular" e "próxima", e se quiséssemos anteceder o seu sentido seria desconexo ou incompleto **o(a) popular, *um(uma) popular, *este(esta) popular e *seu(sua) popular*, o mesmo ocorrendo com *próxima*. Esses mecanismos são úteis quando se trata de substantivos abstratos ou daqueles que não é possível afirmar que é um ser. Para os substantivos concretos reflete-se um expediente bastante usado por crianças em fase de aprendizagem gramatical, como no exemplo: *Ponteiros de relógio parecem apostar corrida num círculo*, "ponteiros", "relógio", "corrida" e "círculo" se articulam com determinantes. Essa força substantivadora dos determinantes é tão grande que pode transformar qualquer palavra de qualquer outra classe em substantivo. Exemplo: *Meu sofrer é proporcional aos seus não. O com pode ser uma palavra bem comunicativa*.

Quando falamos dos adjetivos, concordamos que eles possuem características mórnicas e sintáticas que o diferenciam de outras classes, por exemplo é adjetivo "toda palavra variável em gênero e/ou número que se deixa anteceder por 'tão', ou qualquer intensificador, como 'bem ou muito', dependendo do contexto. Exemplos, de Sautchuk (2010), adaptados:

i) *Não é **função popular** impedir reajustes de preço na **próxima temporada***.

A (uma, minha, esta) função **tão** popular.

A (uma, sua, essa, nenhuma) temporada **tão** próxima.

ii) *Meu **sofrer é proporcional** aos seus não*.

Meu (este, seu, nenhum) sofrer **tão** proporcional.

iii) *O com pode ser uma **palavra bem comunicativa***.

A (uma, aquela, nenhuma) palavra **tão** comunicativa.

A funcionalidade do uso de "tão" é tanta que pode ser utilizado em contextos em que ocorre a adjetivação de substantivos, como em: *Ele não é homem para isso. Ele não é **tão** homem para isso.* Sautchuk (2010) afirma que será sempre necessário verificar se a palavra que está recebendo o acréscimo sintático do intensificador é variável em gênero e/ou número, morfologicamente e, se está se articulando junto a um substantivo, com o qual forma um 'par perfeito', sintaticamente.

4.E que critérios seriam usados para identificá-los?	
1º ano	i) De forma simples com uma linguagem voltada para as crianças. ii) Através de perguntas orais, simplificada a série do aluno. iii) Sublinhando e retirando as palavras e explicando. iv) No primeiro momento apresentar conceitos de substantivos e adjetivos, em seguida voltar para a turma pedindo que identifique substantivo e dê qualidade para ele e após realizar atividade que envolva-o. v) Fazendo leitura, perguntando e grifando e fazendo lista de identificação.
2º ano	i) Uma professora não respondeu. ii) Através de leitura de textos diversos e debates.
3º ano	i) Primeiro passo seria conceituar o sujeito e o adjetivo. Segundo passo utilizar frases simples e complexas para a identificação dos mesmos. Utilização de textos, jogos etc. ii) Fazendo leitura, perguntando e grifando e fazendo lista de identificação. iii) Destacar no texto os substantivos e nomear os seus adjetivos.
4º ano	i) Citar exemplos variados que não estejam no texto. (4º ano A e B). ii) Através da leitura. iii) Identificando e retirando do texto frases.
5º ano	i) Diversidade textual para facilitar o entendimento do assunto. ii) Identifico através de uma leitura compartilhada e atividade de reflexão e pronúncia das palavras. iii) Primeiro passo seria conceituar o sujeito e o adjetivo. Segundo passo utilizar frases simples e complexas para a identificação dos mesmos. Utilização de textos, jogos etc. iv) Destacar sublinhando, exemplificando e levando para situações do dia a dia.

Tabela 3:
Respostas de que critérios seriam usados para identificar substantivo e adjetivo

De acordo com algumas respostas das professoras verificamos que apresentaram explicações dentro dos estudos linguísticos recentes, como fica explícito nestas respostas: "Destacar sublinhando, exemplificando e levando para situações do dia a dia". "Primeiro passo seria conceituar o sujeito e o adjetivo. Segundo passo utilizar frases simples e complexas para a identificação dos mesmos. Utilização de textos, jogos etc.". "No primeiro momento apresentar conceitos de substantivos e adjetivos, em seguida voltar para a turma pedindo que identifique substantivo e dê qualidade para ele e após realizar atividade que o envolva".

Observa-se que muitas respostas dadas pelos os inquiridos não são tão claras, exemplo, "De forma simples com uma linguagem voltada para as crianças", isso não indica critérios capazes de identificar substantivos e adjetivos. Por outro lado, a falta de resposta apresentada por uma das investigadas, no 2º ano, pode indicar que a professora desconhece critérios que identificam essas classes de palavras. Podemos reconhecer nessa realidade os pressupostos de alguns estudiosos quanto à formação inadequada de professores.

Segundo Ilari (2011) um critério melhor de identificar os substantivos seria usar uma moldura gramatical adequada, conforme o exemplo dado pelo autor, "O _____ estava ótimo, Os _____ estavam ótimos, A _____ estava ótima, As _____ estavam ótimas. Diante dessa estratégia Ilari diz que se for possível colocar uma única palavra em um dos espaços vazios, obtendo uma boa sentença, essa palavra será um substantivo, porque a gramática do português permite que os substantivos e somente os substantivos aparecem nessas posições.

Posto isso, Ilari (2011) diz que o professor deve perceber que a primeira moldura aceita formas singulares de substantivos masculinos, como almoço, lápis; a segunda aceita formas masculinas e plurais, como óculos e lápis, entre outras. O professor deve ficar atento porque não há garantia para um resultado sensato, a criança pode colocar uma palavra como 'dor' e a frase ficar "A dor estava ótima" que não soa muito normal, mas que é claramente gramatical, e, portanto, 'dor' é um substantivo.

Para identificar em português os adjetivos precisamos de uma série de critérios, Ilari (2011) cita que nem todo adjetivo apresenta todas as propriedades adjetivas típicas, mas se apresentar, a maioria dessas propriedades deve ser classificada como adjetivo, observemos os testes delineados por esse autor:

TESTES DE ADJETIVIDADE
. a distribuição: tipicamente, um adjetivo pode aparecer em cada um dos espaços vazios abaixo, produzindo uma boa sentença: <i>Este é um livro _____ ; Este livro é _____ ; Por mais _____ que seja este livro, não é o que queremos.</i> Faça o teste com você mesmo com <i>novo, interessante, caro e bonito;</i>
. a comparação: um adjetivo pode ser comparado de várias maneiras: <i>grande/maior/o maior/grandíssimo/grandicíssimo*(grandessíssimo)/; belo/mais belo/o mais belo/belíssimo.</i> Também pode aparecer na construção <i>tão...quanto: tão bonita quanto Elisa;</i>
. grau: o adjetivo pode ser modificado por modificadores de grau como <i>muito, razoavelmente, bem, tão ou bastante: muito grande, razoavelmente bom, tão bom, bastante interessante;</i>
. uso de afixos: ente outras possibilidades, o adjetivo pode tomar os prefixos <i>in-</i> e <i>des-</i> pa-

ra formar um outro adjetivo, o sufixo *-mente* para formar um advérbio, ou os sufixos *-eza*, *-idade* para formar um substantivo: *feliz/infeliz/felizmente/felicidade; possível/impossível/possivelmente/possibilidade*;

. propriedades negativas: os adjetivos não aceitam os sufixos que acompanham tipicamente os verbos, por exemplo *-ndo* em português, nem podem ser marcados quanto ao tempo (passado vs. não passado).

Quadro 1: Testes de adjetividade. Ilari (2011).

Diríamos às professoras que quando queremos identificar e saber que critérios utilizar para identificação na classe dos substantivos e adjetivos que elas podem variar conforme o contexto que se apresentam. É comum e normal no português as palavras que pertencem paradigmaticamente a essas classes variarem de acordo com a relação sintagmática, por exemplo temos substantivação e adjetivação nas orações abaixo, respectivamente: i) *Só os fortes sobrevivem*; ii) *Você me parece tão criança*. Sautchuk (2010) vem afirmando que isso só ocorre porque essas palavras passam a ter comportamentos morfossintáticos que explicam essa variação no contexto, o vocábulo "fortes" deixa-se anteceder pelo determinante e "criança" é palavra variável em número e aceita "tão".

A correta distinção entre substantivo e adjetivos leva em conta as amplas possibilidades de uma palavra dentro da língua, com seus valores naturais e ocasionais, assim pode-se enumerar com convicção, mas com preponderância de critérios semânticos para classificação definitiva, os substantivos "transparentes" (cabeça, telefone, janela, sonho, canção, ânsia) e os adjetivos "transparentes" (triste, quieto, limpo, confortável, péssimo, torto) da língua - embora todos possam trocar de papel por razões discursivas, estilísticas ou pragmáticas. (HENRIQUES, 2014)

O ensino de gramática carece de reflexões em torno da língua e do discurso na construção da identidade do sujeito, segundo Coracini (2007), o sujeito se constitui pela e na linguagem, o ensino de gramática não é algo completamente novo, segundo Ivo (2010), os alunos sabem gramática implicitamente, mas o seu conhecimento gramatical não está estabilizado, têm conhecimento de regras gramaticais, mas não tem consciência desse conhecimento. Para essa autora é daí que devemos partir, para uma nova forma de abordagem da gramática, onde o aluno seja um falante competente, que mobilize regras gramaticais inconsciente e eficientemente, pois assim, partindo do conhecimento que os alunos têm para a explicação desse conhecimento sistemático, não podemos afirmar que os alunos não sabem gramática nenhuma.

Devemos revalorizar o papel da gramática, como um trabalho autônomo, com tempo e centrado no desenvolvimento desse conhecimento sistemático dos alunos. Buscamos um ensino de gramática da língua materna com práticas baseadas no estímulo da competência linguística e da consciência metalinguística dos seus falantes, não um ensino baseado apenas nas nomenclaturas, de conceitos ou terminologias linguísticas, mas um ensino de gramática para que os alunos se apropriem do uso correto da linguagem e para a colocarem ao serviço das suas necessidades comunicativas, conforme postula Ivo (2010). A partir desse entendimento afirmamos que o ensino de gramática é importante, de acordo com os autores pesquisados.

Mas qual o momento de iniciar os alunos no estudo explícito das categorias gramaticais, com suas definições e classificações, para Antunes (2014) não se trata de saber quando, porém não antes dos alunos estarem lendo e escrevendo, o estudo da metalinguagem não deve vir em primeiro lugar, antes dos alunos desenvolverem as competências básicas da leitura e da escrita, a iniciação científica dos alunos em relação à gramática não tem tempo determinado, mas deve acontecer à medida que a prioridade máxima for sendo satisfeita. Assim cabe ao professor uma atitude frente aos fatos de linguagem que pretende investigar, pois essa atitude científica levará a observação, ao questionamento, as hipóteses, na convicção de que não existem sistemas linguísticos definitivamente prontos, nem inteiramente definidos e precisos.

De acordo com o posicionamento desses linguistas verificamos que se faz imperioso estudar teoria gramatical a partir da compreensão de mundo da criança. A nossa intenção não é defender que o professor ensine teoria gramatical no ensino fundamental, apenas por ensinar, mas mostrar que o professor pode optar por ensinar teoria gramatical ou linguísticas a seus alunos, e conforme Travaglia (2013, p. 152) se ensinar deve fazer um ensino consciente de vários fatos e fatores que não podem ser esquecidos para não incorreremos numa atitude inconsequente, ensinar teoria por desconhecer outras possibilidades para o ensino de língua materna; ou, ensinar teoria gramatical porque é mais cômodo e fácil, inclusive porque é o mais que se tem feito, é o que está estabelecido como imagem do que seja o ensino de língua materna e, por isso mesmo, dificilmente será questionado por alguém e exigirá de nós posturas profissionais claras e competentes.

Concluimos esse posicionamento nos perguntando o que ensinar para esse aluno contemporâneo? Rojo (2011) nos responde dizendo que

nenhuma escolha é impune ou neutra, e que nada em educação é neutro e nossa tarefa é fazer escolhas e encaminhamentos conscientes, poderemos restringir o nosso universo de escolha dentre os "ensináveis": será mais importante ensinar agora uma carta de amor? Ou uma carta de leitor? Ou um requerimento? *Ou uma classe de palavras?* (grifos nossos).

3. Considerações finais

A pesquisa ora apresentada verificou que diante da necessidade de mudanças na educação e no papel que o professor desempenha, faz-se necessário pesquisas ou propostas que ajudem tanto alunos quanto professores a apreenderem conteúdos condizentes com a realidade.

Para os estudiosos da língua, aqui apresentados, todos concordaram que a língua é uma ferramenta carregada ao ponto de explodir e, saber usá-la é uma sabedoria. Para Bolinger (1989), citado por Kleiman e Sepulveda (2014, p. 9), "saber usá-la é ter poder".

Kleiman e Sepulveda (2014) afirmam que o ensino de gramática ainda é um entrave na formação do cidadão letrado, os gramáticos e linguistas podem até divergirem ou concordarem sobre a maneira de abordagem do ensino de língua materna, em relação ao estudo da língua, mas procuramos reuni-los e chegamos a conclusão de que este assunto deve ser tratado com cautela para não cairmos em soluções aparentes ou em afirmações que não são embasadas em fundamentações sólidas, vindas de dentro da sala de aula, para que não excluamos o conhecimento produzido pela sociedade e que de alguma forma exclua o cidadão dos bens sociais, econômicos e culturais que lhes pertencem por direito.

Diante disso, podemos destacar que nas aulas de língua materna, o ensino de gramática parece um jogo de adivinhações, salvo para alunos cuja intuição já é mais acurada, estes precisam menos de exercícios de reconhecimento, problema constante com professores que trabalham com alunos em início de alfabetização gramatical. No entanto, devemos propiciar o uso dos conhecimentos gramaticais e fazer perguntas para que o aluno mobilize esse conhecimento, com o objetivo de melhorar o texto ou produzi-lo de forma mais coesa, inteligível, porque instrumentalizamos o aluno para refletir sobre suas ações linguísticas, principalmente na modalidade escrita da língua.

Ressaltamos o por quê e para quê ensinar gramática na escola de ensino fundamental? Sem abandonar as diversas culturas da escola, afir-

mamos que o estudo sistemático de conteúdos e saberes técnicos dão acesso ao aluno continuar aprendendo, consultando manuais, dicionários, enciclopédias e gramáticas, porque ao invés de negar essa prática de ensino, não aprendamos ao mesmo tempo a brincar com a língua, a aceitar a mudança e a evitar proibições arcaicas sobre o que é a língua, o que pode e o que não pode ser dito, a prestar atenção nas intuições dos alunos, tentando recuperar as nossas, fazendo isso, o professor de português não precisará esconder o que faz. (KLEIMAN & SEPULVEDA, 2014)

Contudo, quando o professor não esconde o que faz no ensino de língua portuguesa, se afasta da visão estreita e redutora do que se fazem supor nas atividades de ensino de gramática, seja de algumas classes de palavras ou categorias, classificações e nomenclaturas, o professor deve "explorar a riqueza e a variedade dos recursos linguísticos em atividades de ensino gramatical que se relacionem diretamente com o uso desses mesmos recursos para a produção e compreensão de textos em situações de interação comunicativa" confirma Travaglia (2009, p. 235-236). Devemos trabalhar o ensino de gramática na perspectiva da interação comunicativa e do funcionamento textual dos elementos da língua, só assim, conseguiremos fazer a integração entre os diferentes aspectos do ensino/aprendizagem de língua materna, como leitura, produção de textos orais e escritos, vocabulário e o próprio ensino de gramática, no nosso caso, *o uso e a sistematização das classes de palavras – substantivo e adjetivo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Gramática contextualizada: limpando "o pó das ideias simples"*. São Paulo: Parábola, 2014.

ARAÚJO, Cidália et al. *Métodos de investigação em educação*. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia. 2008.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CORACINI, Maria José. A celebração do outro na constituição da identidade do brasileiro. In: _____. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: (línguas materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda Vailati; MÜLLER, Ana Lúcia. *Mas o que é mesmo "gramática"?* 1. ed. 2. reimpr. São Paulo: Parábola, 2013.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad.: Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004. (Reimpressão 2007).

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: volume III: palavras de classe aberta*. São Paulo: Contexto, 2014.

IVO, Maria José Mendes. *Os novos programas de português: da gramática ao conhecimento explícito da língua – análise de um paradigma linguístico*. 2010. Dissertação (de Mestrado em Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários). – Universidade da Beira Interior: Faculdade de Artes e Letras/Departamento de Letras. Covilhã – Portugal.

KLEIMAN, Angela B.; SEPULVEDA, Cida. *Oficina de gramática: metalinguagem para principiantes*. Campinas: Pontes, 2014.

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística no ensino médio: um novo olhar, um novo objeto. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). *Português no ensino médio e formação do professor*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2009, p. 199-226.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Trad.: Dulce Matos. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

PADERES, Adriana M.; RODRIGUES, Regina de B.; GIUSTI, Sonia R. Teoria da complexidade: percursos e desafios para a pesquisa em educação. *Revista de Educação*. Disponível em: <<http://200.18.45.28/sites/residencia/images/Disciplinas/pesquisa%20me todo%20complexidade.pdf>>. Acesso em: 15-05-2014.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. 1. ed., 2. reimpr. São Paulo: Parábola, 2011.

SANTOS, Antonio R. dos. *Metodologia científica: a construção do conhecimento*. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SAUTCHUK, Inez. *Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo)sintática*. 2. ed. Barueri: Manole, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática: ensino plural*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.